

EDITORIAL

Caro leitor,

É imensa nossa satisfação ao lhe apresentar o presente número 37 (2018) de nossa *Revista de Italianística* inteiramente dedicado aos estudos literários e culturais. Os ensaios publicados, particularmente ricos a nosso ver, representam de modo exemplar o amplo leque temático e temporal atualmente coberto pelos estudos de italianística no Brasil e na Itália, com enfoques os mais diferentes, a começar pela análise da literatura italiana dos anos dois mil, passando pela influência da crítica de arte italiana Anita Sarfatti, na década de 1940, para a constituição do acervo MAM hoje MAC-USP, para chegar até o papel relevante da vulgarização de textos latinos na Florença do século XIII, para a formação de um panorama cultural em torno da língua *volgare*.

Como se vê, uma amostragem de ensaios que tratam de temas que se distribuem ao longo de nada menos que nove séculos de história literária e cultural da península italiana, mas, obviamente, nunca se restringindo a ela, já que nosso interesse particular é, precisamente, a intersecção desses fenômenos com a literatura e cultura de nosso país, o Brasil.

Todos os artigos que compõem o presente número são resultantes de trabalhos apresentados no XVII Congresso da ABPI, XVII Encontro Internacional de Estudos Italianos, VI Jornada de Italianística da América Latina: **Trânsitos, migrações, circulações, a Itália e o italiano em movimento**, realizado no Rio de Janeiro no mês de outubro de 2017.

Uma vez enviados à revista, os artigos foram submetidos ao processo de avaliação por pares duplo-cego, conforme as regras da Revista de Italianística.

Pela diversidade apresentada pelos ensaios, decidimos ordenar o volume “a ritroso”, isto

é, começando precisamente pelo que há de mais recente para aproar ao mais distante, apenas temporalmente falando. Dessa feita começamos pelo interessante e sugestivo estudo da pesquisadora **Giuliana Benvenuti**, professora associada de Literatura Italiana Contemporânea e Literatura e Mídia da Università di Bologna, que aponta com muita clareza para o contato cada vez mais imediato entre as letras e outras mídias. Benvenuti nos mostra essa evolução começando pela década de 1980. Especialmente interessada em um território ainda pouco explorado pela crítica literária, isto é, os resultados - frequentemente inscritos na cifra do *noir* - que surgem a partir da colaboração entre romancistas e cartunistas. O grupo *Valvoline* e a experiência dos chamados *Cannibali* e do *Gruppo 13*, parecem ter inaugurado um entrelaçamento de linguagens que prossegue até os nossos dias globais.

Sempre na indagação de fenômenos extremamente atuais, **Maria Célia Martirani Bernardi Fantin**, tradutora e crítica literária, pós-doutora pela Universidade Federal do Paraná, dedica sua análise das representações cinematográficas italianas contemporâneas sobre a condição do imigrante, tema escaldante na Itália desses dias, especificamente nesse trabalho analítico sobre o filme *La mia classe* (2013) de Daniele Gaglianone. O filme, que busca representar a situação dramática dos que precisam se reinventar em terra estrangeira, aponta a câmara para o mundo clandestino da migração e, dando diretamente voz aos interessados, mesclando documentário e ficção. Segundo Martirani, para além do tema, tão importante e atual, a força do filme reside precisamente nessa sua característica de “docufiction” que abre uma perspectiva metacineamatográfica, permitindo então que o cinema reflita sobre o alcance e limitações da própria arte cinematográfica.

Interessante reflexão da professora livre docente aposentada da Universidade de São Paulo **Dóris N. Cavallari**, sobre a atualidade do pensamento do jornalista e ensaísta Nicola Chiaromonte (1905-1972), autor de numerosos ensaios em que analisava diferentes aspectos da sociedade do século XX. Cavallari focaliza em especial o texto *Il tempo della malafede* (O tempo da má fé) - cuja primeira versão foi publicada em 1952 - e nos mostra como o autor, nessa sua análise sobre a “sociedade da má-fé” estaria antecipando um conceito tão atual como aquele da “pós-verdade”.

A seguir **Ana Magalhães**, Historiadora da arte, Professora Livre-docente, Curadora e Vice-Diretora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP) nos brinda com um riquíssimo ensaio sobre a marcante atuação da crítica de arte italiana Margherita Sarfatti (1880-1961), na formação do núcleo inicial do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) - hoje pertencente ao acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Fundadora do chamado *Novecento Italiano*, em plena era fascista, na Itália, Sarfatti teve um papel relevante na promoção da arte moderna italiana em nosso continente, fazendo viagens ao Brasil, à Argentina e, mais tarde, aos Estados Unidos. Magalhães demonstra como Sarfatti e sua noção de arte moderna italiana foram vistas pelo Brasil e pelos Estados Unidos, antes e depois da II Guerra Mundial, para assim entender a formação do primeiro acervo de arte moderna da América do Sul dentro do programa maior da diplomacia italiana, antes e

depois da queda do Fascismo.

Carlo Emilio Gadda (1893-1973) e seu romance *La cognizione del dolore* são o tema do ensaio de **Fabrizio Rusconi**, doutorando pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A partir de uma afirmação do crítico literário Gianfranco Contini quanto a uma “nostalgia pela literatura perdida” existente na obra do nosso autor, Rusconi indaga a emersão de certa nostalgia textual nessa obra que remete a autores e obras do passado. Rusconi aponta o *pastiche*, a citação e a tradução entre as principais modalidades de que Gadda se vale para expressar a descontinuidade entre presente e passado.

A influência de Luigi Capuana (1839-1915), escritor e teórico do Verismo Italiano, na obra de Luigi Pirandello é o que o ensaio de **Lara Michelacci**, docente de literatura italiana da Università di Bologna, nos propõe. Michelacci nos mostra o Capuana que elabora a teoria da alucinação artística e proclama o princípio de uma arte que cria personagens vivas, capazes de agir na realidade como seres autônomos. E aponta que Pirandello aproveitará algumas deixas daquelas reflexões em obras capitais como o *O falecido Mattia Pascal*, na cena da sessão espírita, e no conto *Personaggi*, que mais tarde fluirá na obra-prima teatral de Pirandello, *Seis personagens à procura de um autor*.

A seguir **Gisele Batista da Silva**, professora de Língua e Literaturas Italianas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nos oferece uma análise sobre o papel das narrativas de viagem (odepórica) cujo cenário era a Itália do *Grand Tour*. A pesquisadora demonstra como essas narrativas acabaram determinando o tom e os temas que descreveram e interpretaram a cultura italiana ao longo de séculos. Segundo da Silva, é possível evidenciar a contribuição dessas narrativas para a formação de uma consciência de si não apenas na Itália, mas em toda a Europa moderna.

Finalmente, **Emanuel França de Brito**, professor de Língua e Literaturas Italianas na Universidade Federal Fluminense, busca ressaltar o papel da vulgarização de textos latinos na Firenze do século XIII, para a formação do panorama cultural em torno da língua *volgare*. Em sua análise, de Brito destaca o papel de Brunetto Latini (1220 – 1294) e a sua *Rettorica* que traduz do latim para o *volgare* parte do *De inventione* ciceroniano. Boa Leitura!

Fabiano Dalla Bona, Roberta Barni
Organizadores e editores desse número.